

COLEÇÃO  
Berggasse  
19

# O mecanismo de rejeição (*Verwerfung*) em Lacan e Bion

Rodrigo Otávio Fonseca



INM Editora



**O mecanismo  
de rejeição  
(*Verwerfung*)  
em Lacan e Bion**



# **O mecanismo de rejeição (*Verwerfung*) em Lacan e Bion**

Rodrigo Otávio Fonseca



Copyright © 2023 Rodrigo Otávio Fonseca

Todos os direitos desta edição são reservados à INM Editora. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida, seja por meio impresso ou digital, sem a permissão prévia da INM Editora, de acordo com a Lei N.º. 9.610/98. Foi realizado o Depósito Legal na Fundação Biblioteca Nacional, de acordo com a Lei N.º. 10.994, de 14 de Dezembro de 2004 e a Lei N.º. 12.192, de 14 de Janeiro de 2010.

*Edição:* Sergio Gomes e Bruno Ricardo Gomes

*Diretor Comercial:* Bruno Ricardo Gomes

*Revisão Técnica:* Sergio Gomes

*Preparação:* Priscila Calado

*Revisão Gramatical:* Priscila Calado

*Capa e Diagramação:* Negrito Produção Editorial

*Secretaria:* Nawana Taranto

*Marketing:* Lyvia Gomes e Caren Dantas

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, 5ª. Edição do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, Academia Brasileira de Letras, de março de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Fonseca, Rodrigo Otávio

O mecanismo de rejeição (*Verwerfung*) em Lacan e Bion / Rodrigo Otávio Fonseca. – São Paulo : INM Editora, 2024.

Bibliografia.

ISBN 978-65-85823-08-1

1. Bion, Wilfred, 1897-1979. 2. Freud, Sigmund, 1856-1939. 3. Lacan, Jacques, 1901-1981. 4. Psicanálise. 5. Psicoses. 6. Rejeição (Psicologia). I. Título.

24-206329 CDD-150.195

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicanálise 150.195

Eliane de Freitas Leite – Bibliotecária – CRB 8/8415

INM Editora

Rua Frei Caneca, 1380 – Primeiro Andar

Consolação – São Paulo-SP

CEP 01307-002

Tel.: (11) 5026-7748

contato@inmeditora.com.br

inmeditora.com.br

Instragram: @nebulosamarginal

Facebook.com/nebulosamarginal

Youtube.com.br/NebulosaMarginal

*Para Hellen, Lisa, Leticia, Ana Júlia e Dudu:  
vértices de uma vida*



## DEDICATÓRIA

Dedico esta obra a todos aqueles que, de uma forma ou de outra, passaram por momentos de extrema agonia, estados que Bion denomina de: *Terror sem nome*. O limiar entre a sanidade e a loucura tem sido objeto de estudos por décadas a fio. Entender essas experiências como marcantes na vida dos sujeitos faz toda a diferença para não os estigmatizar como “louco”, afinal, como diria o psicanalista Adam Phillips em seu livro *Louco para ser normal*: “A sanidade é uma invenção para medicalizar a moral”.



## AGRADECIMENTOS

Ao revirar meus livros, encontrei um dos que mais marcaram minha vida: *Poesia Reunida*, de Adélia Prado. Em todos os poemas da obra, fiz anotações e registrei memórias. Em um deles chamado “Leitura”, a autora termina dizendo:

*Eu sempre sonho que uma coisa gera,  
nunca nada está morto.  
O que não parece vivo, aduba.  
O que parece estático, espera.*

É nesse ritmo que esse trabalho se desenvolveu. Entre sonhos, gestações e esperas, várias foram as mãos, os olhos, as palavras e os gestos que contribuíram para que dele algo florescesse. Agradecer a Deus é redundância! Meus rompantes, inspirações e desesperos ao longo da escrita sempre voltaram a Ele, assim como minhas preces em momentos cruciais. Agradeço à minha amada esposa, Hellen Fonseca, cujo carinho e genialidade deu corpo, forma e tessitura em páginas cujos meus olhos já não conseguiam mais distinguir as palavras. Com muito orgulho e respeito, expressei minha gratidão ao Prof. Dr. Renato Mezan, que esperou surgirem as ideias nos momentos estáticos e que adubou as sementes nos momentos em que imaginei que esse sonho nada geraria. Aos meus familiares, minha amada mãe, Ana Maria, cuja saudade é sempre uma forma de encontro, meus irmãos queridos: Heliane, Henaile, Elissandra

e José Fernando, que sempre tinham uma palavra de estímulo e carinho. Aos meus pacientes, que tiveram a coragem de enfrentar seus mais temíveis medos e escolheram a mim como companheiro de viagem. Aos alunos e amigos professores que constantemente me incentivaram na concretização desta obra. Meu agradecimento especial ao professor e psicanalista Sérgio Gomes de Oliveira, por me motivar, instruir e auxiliar no processo de refinamento da obra.

A todos, meus mais sinceros agradecimentos.

*Esta língua não é minha,  
qualquer um percebe.  
Quem sabe maldigo mentiras,  
vai ver que só minto verdades.  
Assim me falo, eu, mínima,  
quem sabe, eu sinto, mal sabe.  
Esta não é minha língua.  
A língua que eu falo trava  
uma canção longínqua,  
a voz, além, nem palavra.  
O dialeto que se usa  
à margem esquerda da frase,  
eis a fala que me lusa,  
eu, meio, eu dentro, eu, quase.*

\*

*Já disse de nós.  
Já disse de mim.  
Já disse do mundo.  
Já disse agora,  
eu que já disse nunca.  
Todo mundo sabe,  
eu já disse muito.*

*Tenho a impressão  
que já disse tudo.  
E tudo foi tão de repente.*

\*

*desastre de uma ideia  
só o durante dura  
aquilo que o dia adia*

*estranhas formas assume a vida  
quando eu como tudo que me convida  
e coisa alguma me sacia*

*formas estranhas assume a fome  
quando o dia é desordem  
e meu sonho dorme*

*fome da china fome da índia  
fome que ainda não tomou cor  
essa fúria que quer  
seja lá o que flor*

Paulo Leminski (Poema: "Invernáculo")

# SUMÁRIO

Dedicatória .....	7
Agradecimentos.....	9
Prefácio – O fio de Ariadne: as origens do mecanismo de “rejeição” na história da psicanálise .....	17
Introdução – “Com pedaços de mim eu monto um ser atônito” .....	23
1. Considerações gerais sobre o conceito freudiano de rejeição ( <i>Verwerfung</i> ) .....	39
2. A construção do pensamento lacaniano da foraclusão .....	63
2.1 Sobre a causalidade psíquica e o organodinamismo de Henry Ey.....	66
2.2 Por uma nova perspectiva da paranoia: o caso Aimée .....	70
2.3 As primeiras proposições sobre a foraclusão ( <i>Verwerfung</i> ) nas psicoses .....	77
2.3.1 A foraclusão no Seminário <i>As Psicoses</i> .....	81
2.3.2 <i>Verwerfung</i> : fenômeno e desencadeamento psicótico .....	86
2.4 <i>Verwerfung</i> e <i>Verneinung</i> a partir do debate com Jean Hyppolite.....	88

2.5	A Foraclusão <i>Em Nome-do-Pai</i> .....	93
2.6	O Esquema R: a segunda abordagem dos processos psicóticos.....	98
2.7	Pelas vias do Real e a topologia dos nós borromeanos na psicose.....	108
2.7.1	A topologia dos nós borromeanos e a foraclusão .....	111
2.7.2	O quarto aro e o <i>Sinthoma</i> .....	114
2.8	O encontro com Joyce.....	116
2.9	O real é estruturado como foraclusão?.....	120
<b>3.</b>	<b>A contribuição de Wilfred Bion no estudo das psicoses.....</b>	<b>123</b>
3.1	Nos campos de batalha... ..	123
3.2	O grupo como um aparelho psíquico .....	129
3.3	Mergulhos no mundo esquizofrênico .....	133
3.4	Personalidade psicótica e não-psicótica e o papel da identificação projetiva.....	141
3.5	Atacar para (des)conhecer: os ataques aos elos de ligação .....	147
3.6	O pensar como estruturador do psiquismo .....	151
3.7	$\alpha$ : um símbolo como função.....	155
<b>4.</b>	<b>O período epistemológico de Bion: a gênese das perturbações psicóticas .....</b>	<b>159</b>
4.1	Aprende-se <i>ao</i> pensar.....	161
4.2	A tela $\beta$ .....	165
4.3	Vincular para sobreviver .....	169
4.4	-K: vincular-se para destruir .....	175
4.5	A grade de Bion.....	178
4.5.1	Os componentes da grade .....	179
4.5.1.1	O eixo horizontal.....	180
4.5.1.2	O eixo vertical.....	182
4.5.2	A psicose pelo caleidoscópio da grade.....	185
4.6	Em tudo se transforma .....	190

<b>5. Do mecanismo de rejeição (<i>Verwerfung</i>) em Bion e Lacan:</b>	
<b>aproximações e tensões</b> .....	197
5.1 Sujeito – Personalidade.....	200
5.2 Simbólico – Simbolização.....	213
5.3 Imaginário – Continente/conteúdo (♂♀) .....	225
5.4 Imaginário em luto ↔ continente morto .....	234
5.5 Real – Realidade última (O) .....	244
5.6 Foraclusão ↔ Ataques ao Elo de Ligação.....	251
5.7 André Green (♀) .....	271
5.8 Convergências ↔ Divergências.....	279
<b>Referências</b> .....	293



## PREFÁCIO

### O fio de Ariadne: as origens do mecanismo de “rejeição” na história da psicanálise

Desde que Freud insurgiu com “a peste”, seus interlocutores e herdeiros teóricos não se cansaram de analisar, descrever, redescrever e avançar em um conjunto de conceitos que fazem a psicanálise ser conhecida por um corpo clínico-teórico. Do corpo clínico, vieram autores como Ferenczi, Balint e Winnicott, os quais contribuíram com mudanças no enquadre dos pacientes difíceis. Do corpo teórico, além do próprio Freud, vieram os analistas da primeira geração, Fenichel, Rank, Abraham e Klein, e aqueles que se destacaram por um corpo teórico original, com grandes contribuições metapsicológicas, a exemplo de Klein, Bion e Lacan, avançando e repensando a teoria freudiana.

A psicanálise ficou conhecida como uma ciência da hermenêutica e cuja epistemologia produziu e vem produzindo um *corpus laborandis* por outros analistas contemporâneos, a exemplo de André Green, René Roussillon, Thomas H. Ogden e Jean Laplanche, só para citar os mais conhecidos.

Não é à toa que esse corpo teórico tenha sido analisado pelo psicanalista Renato Mezan (1982) em *Freud: a trama dos conceitos*. Nesse livro, ele propôs uma revisão dos principais conceitos freudianos a partir de uma análise no interior da sua obra, tomando os textos sociológicos, antropológicos e teóricos como uma leitura diacrônica dos textos pré-psicanalíticos à fundação da metapsicologia.

Com efeito, para Mezan, Freud algumas vezes se via como um filósofo (estava tomado pelo pensamento da metafísica), buscando a

articulação dos seus conceitos em uma lógica subterrânea, que fez com que o analista vienense repensasse o tempo todo sua teoria (as inúmeras notas de rodapé inseridas ao longo dos anos que se seguiram à publicação dos *Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade* são exemplos disso). Freud se utilizou fartamente da filosofia de Kant, Schopenhauer e Nietzsche tanto quanto de autores da literatura grega ou inglesa para embasar as suas teses sobre a sexualidade, Édipo e a constituição do aparelho psíquico centrado no conflito incestuoso, parricida e na culpa.

Ora, se a filosofia e a psicanálise se distinguem, ao mesmo tempo se complementam — a referência da metapsicologia e da metafísica já fora apontada por inúmeros outros interlocutores e críticos de Freud, mas os conceitos psicanalíticos são tecidos densos, constituídos de reflexões, relatos clínicos, digressões, problemas epistemológicos e clínicos, à medida que Freud vai avançando na sua exegese psicanalítica. Pensar os conceitos psicanalíticos é pensar com o *dispositivo* da *epistemologia* e da *filosofia*, mas também com o dispositivo da *história*, uma vez que cada conceito pertence à sua época, ao passo que ele foi sendo tecido. Cada *conceito* é, por assim dizer, um *dispositivo* no melhor sentido atribuído por Giorgio Agamben (2008).

Agamben retoma o pensamento foucaultiano para se referir à palavra dispositivo como um conjunto heterogêneo de sentidos aplicados a discursos, instituições, estruturas arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, *enunciados científicos*, *proposições filosóficas*, ou seja, uma *rede* estabelecida entre esses elementos. Os dispositivos tomam o lugar de universais, não como tecnologias de poder, mas como uma *rede que se estabelece entre os seus elementos*. Eles implicam em *processos de subjetivação*, logo, produzem o sujeito no interior do seu discurso, tal como a *oikomania* grega, ou seja, uma práxis a qual se deve deparar com um problema epistemológico em particular. Dito de outra forma, o dispositivo se constitui como um conjunto de práxis, saberes e medidas com vistas a gerir e orientar os gestos e os pensamentos humanos — eu diria que aí estão incluídos o sistema

pré-consciente — consciente, mas também o sistema inconsciente. É nesse sentido que o dispositivo sempre se presta a uma hermenêutica, uma ciência da interpretação. Enfim, os dispositivos objetivam uma série de práticas e de discursos, de saberes e subjetivações produzidos no interior de um *corpus laborandis*, tal como podemos perceber dentro da metapsicologia psicanalítica.

Esse pensamento está de acordo com Reinhart Koselleck (2006) e sua *história dos conceitos*. Para o autor, cada conceito, cada palavra, remete a um sentido no interior de uma dada disciplina ou área de conhecimento. Os conceitos possuem uma história que precisa ser analisada, descrita e redescrita pragmaticamente. Redescrever um conceito pragmaticamente significa que, a cada época, ele precisa ser revisto, estudado, analisado, posto à prova para ver se ainda se sustenta; e quando o conceito não mais se sustenta, eis que podemos aposentá-lo e encontrar um outro que possa ser colocado em seu lugar.

É o caso dos conceitos produzidos no interior da psicanálise, de Freud aos autores atuais. E coube a Rodrigo Octávio Fonseca dissecar um desses conceitos seminais na metapsicologia psicanalítica: o mecanismo de rejeição (*Verwerfung*) nos textos de Freud, Lacan e Bion, resultado da sua tese de doutorado defendida em 2014 pelo Departamento de Psicologia Clínica na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, cuja orientação coube a Renato Mezan, e que só agora chega às mãos do público.

O texto retrabalhado para esta publicação tem o fôlego necessário que Rodrigo Fonseca se impôs: um verdadeiro trabalho de Hércules dentro dos labirintos do Minotauro. Retomando o texto freudiano, Rodrigo vai buscar no conceito de *rejeição* (*Verwerfung*) o seu referente com a castração e a psicose na história da psicanálise.

Como sabemos, na descrição feita por Laplanche e Pontalis (1967), o mecanismo da rejeição (*Verwerfung*) foi introduzido por Jacques Lacan como um mecanismo específico da psicose. E o que é que se rejeita? Os significantes não integrados no inconsciente, como um traço do real, porém de modo alucinatório.

Para isso, Rodrigo Fonseca começa a dissecar o mecanismo da rejeição a partir dos primeiros rascunhos pré-psicanalíticos, até adentrar nos meandros dos principais textos freudianos. Na sequência, ele vai buscar na metapsicologia lacaniana os outros referentes da *Verwerfung*.

Para Luiz Hanns (1996), o termo *Verwerfung* pode ser traduzido como “repúdio”, “condenação” ou “rejeição”, mas frequentemente é traduzido por “forclusão”, “foraclusão” ou “preclusão”. O termo em alemão ainda evoca a ideia de “descartar”, “eliminar” ou “arremessar para longe um material rejeitado”. Decerto que é nesse sentido que Rodrigo Fonseca se apoiará na teoria de Jacques Lacan para explorar o mecanismo da foraclusão do nome do pai, característico das psicoses, mas igualmente percorrendo os principais textos lacanianos dos anos cinquenta a setenta, da paranoia — no famoso caso Aimée, até os últimos e principais textos sobre a formulação da causalidade psíquica, o tratamento da psicose e os seminários que vão tratar do assunto (as psicoses, o campo do sistema simbólico, real e imaginário e o conceito de *sinthoma*).

Com folga, Rodrigo adentra cada vez mais fundo no labirinto, desenrolando o fio de Ariadne e percorrendo agora o tema das psicoses, para então chegar à raiz do problema: as construções bionianas no estudo das psicoses, percorrendo igualmente o texto do psicanalista indiano pertencente à Sociedade Britânica de Psicanálise, para mergulhar na personalidade psicótica e não psicótica, o pensar como estruturante do psiquismo e, finalmente, para articular os três autores, buscar a saída do labirinto ao chamar outros para conversarem, a exemplo das contribuições de André Green.

Trata-se, portanto, de uma grande contribuição à psicanálise, ao estudo das psicoses e um trabalho epistêmico de grande fôlego sobre o conceito de *Verwerfung* em Freud, Lacan e Bion.

Penso que o leitor perceberá que o fio de Ariadne escolhido por Rodrigo foi muito bem usado para tecer uma renda de bom gosto e excelente qualidade. Para os leitores de Freud, é uma boa oportunidade para rever o mecanismo de rejeição nos seus principais textos metapsicológicos. Para os leitores de Lacan, Rodrigo sustenta o fio condutor

sem deixá-lo se romper na tarefa generosa de explicitar os conceitos lacanianos de maior complexidade. Para aqueles que têm pouco conhecimento de Bion, Rodrigo apresenta o autor a partir das suas teorias sobre o pensar e a estrutura psíquica, o modelo da grade, o aprender com a experiência e os elementos da psicanálise, mostrando os caminhos a seguir na leitura bioniana. E, por fim, ao encontrar o centro do labirinto, chama os autores para conversarem com André Green, mostrando-lhes o caminho de volta.

Ao público, a tarefa e a coragem de acreditar na habilidade de Rodrigo Fonseca de conduzir os seus leitores e trazê-los de volta são e salvos do labirinto da *Verwerfung*, sustentados pela sua habilidade de manejar, com mãos seguras e firmes, uma renda tecida com o fio de Ariadne. Seus leitores só têm a ganhar.

Sergio Gomes  
*Psicanalista*

## Referências

- Agamben, G. (2008). O que é um dispositivo? In: *O que é o contemporâneo?* E outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009, p. 27-51.
- HANNIS, L. *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- KOSELLECK, R. (2006). *Histórias de conceitos: estudos sobre a semântica e a pragmática da linguagem política e social*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020.
- LAPLANCHE, J.; Pontalis, J.-B. (1967). *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1986.
- MEZAN, R. *Freud: A trama dos conceitos*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

Na língua alemã, *Verwerfung* designa o ato de arremessar algo para fora ou para longe, porém com uma nuance: esse algo não é inócuo, como um papel amassado que se joga no lixo, mas sim ameaçador, e por isso temido. Daí a necessidade de o expulsar do psiquismo, e as conotações enfáticas de repúdio, de não querer saber mais daquilo, de mantê-lo à distância segura – em suma, de rejeição. Retraçando a história e as funções da noção na obra de Freud, na qual constitui o mecanismo central das psicoses, Rodrigo Otávio Fonseca constrói a base para analisar o uso que dela farão Jacques Lacan e Wilfred Bion. Seguindo o mesmo método – situar o conceito nos contextos clínicos e teóricos nos quais esses autores o empregam e o desenvolvem – ele nos brinda com um excelente estudo da obra de cada um, sob o prisma da relação do inconsciente com a linguagem (Lacan) e com o pensar (Bion). A cereja do bolo vem a seguir, quando se estabelece um diálogo entre os dois sucessores de Freud, que, se tivesse sido de fato travado, partiria do interesse de ambos pelos enigmas das psicoses, e aos poucos se espraia por boa parte das teorias que elaboraram.

RENATO MEZAN

*Psicanalista*

